

O Cartógrafo Mestiço: aproximações de Deleuze e Guattari com Martín-Barbero

The mixed cartograph: approximations of Deleuze and Guattari with Martín-Barbero

El cartografo mestizo: aproximaciones de Deleuze y Guattari con Martín-Barbero

Ariadni Loose

Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria
adiloose@gmail.com

Juliana Petermann

Docente associada no Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma universidade
petermann@ufsm.br

Resumo

Este artigo tem por propósito fazer uma aproximação entre as compreensões de Deleuze e Guattari (1995) sobre o método cartográfico e as aplicações de Jesús Martín-Barbero (2015) em sua teoria das mediações. Para isso, iremos analisar as definições de rizoma e as características da cartografia colocadas em prática no mapa das mediações, buscando responder a questão: Quais aproximações podemos fazer entre as definições rizomáticas de Deleuze e Guattari (1995) e o segundo mapa das mediações de Martín-Barbero (2015)? Com essa análise teórico-metodológica, percebemos que essas aproximações são possíveis e identificamos a presença das características cartográficas e de todos os princípios rizomáticos, definidos por Deleuze e Guattari (1995), no mapa das mediações de Martín-Barbero (2015).

Palavras-chave: Cartografia. Mapa das mediações. Comunicação.

Abstract

This article aims to bring together the understandings of Deleuze and Guattari (1995) on the cartographic method and the applications of Jesús Martín-Barbero (2015) in his theory of mediations. For this, we will analyze the definitions of rhizome and the characteristics of cartography put into practice in the map of mediations, seeking to answer the question: What approximations can we make between the rhizomatic definitions of Deleuze and Guattari (1995) and the second map of the mediations of Martín-Barbero (2015)? With this theoretical-methodological analysis, we realized that these approximations are possible and we identified the presence of cartographic characteristics and all rhizomatic principles, defined by Deleuze and Guattari (1995), in the map of mediations by Martín-Barbero (2015).

Key words: Cartography. Mediation map. Communication.

Resumen

Este artículo pretende reunir las comprensiones de Deleuze y Guattari (1995) sobre el método cartográfico y las aplicaciones de Jesús Martín-Barbero (2015) en su teoría de las mediaciones. Para ello, analizaremos las definiciones de rizoma y las características de la cartografía puesta en práctica en el mapa de mediaciones, buscando responder a la pregunta: ¿Qué aproximaciones podemos hacer entre las definiciones rizomáticas de Deleuze y Guattari (1995) y el segundo mapa de las mediaciones de Martín-Barbero (2015)? Con este análisis teórico-metodológico, nos dimos cuenta de que estas aproximaciones son posibles e identificamos la presencia de características cartográficas y todos los principios rizomáticos, definidos por Deleuze y Guattari (1995), en el mapa de mediaciones de Martín-Barbero (2015).

Palabras clave: Cartografía. Mapa de mediación. Comunicación.

1 INTRODUÇÃO

Jesús Martín-Barbero (2004), semiólogo, filósofo e antropólogo espanhol, cidadão colombiano, dedicou boa parte de suas obras aos estudos sociais, as mediações culturais, aos envolvimento de política e poder e também a compreensão sobre a juventude e as transformações da tecnologia no ensino. Por tais vertentes teóricas, este é um autor que permeia a comunicação em vários vieses. Quando nos propomos fazer uma pesquisa sobre as complexidades que compõem o perfil profissional dos indivíduos, considerando especificamente a área da publicidade e da propaganda, fazendo um recorte a partir das reconfigurações propostas pela juventude (aqui nomeada como os novos profissionais), junto aos avanços tecnológicos e mudanças da contemporaneidade, percebemos que os apontamentos de Martín-Barbero iriam ao encontro do nosso percurso.

Ao mesmo tempo, compreendendo a não-linearidade desse objeto empírico, a necessidade de um olhar macro, não hierárquico, mas também percebendo pontos que emergem com mais intensidade, identificamos a necessidade do uso de uma metodologia que abarcasse tais aspectos. Por essa razão, optamos pelos conceitos de Deleuze e Guattari (1995), aplicando a cartografia para a criação de um mapa rizomático que nos permitisse acompanhar as diversas linhas de segmentaridade e de fuga que se entrecruzam em nossa pesquisa.

Estes dois pontos introdutórios que trouxemos aqui foram necessários para contextualizar a escolha destes autores e suas perspectivas, sobre as quais trataremos nesse artigo: Martín-Barbero (2015) e seu mapa das mediações, Deleuze e Guattari (1995) e os princípios rizomáticos cartográficos. No entanto, Martín-Barbero também desenvolveu cartografias, sendo reconhecido inclusive como o cartógrafo mestiço, em seu livro “O Ofício do Cartógrafo”: “nos mapas o mundo recupera a singularidade diversa dos objetos:

cordilheiras, ilhas, selvas, oceanos - e se expressa textualmente, ou melhor, textilmente: em pregas e des-pregas, reverses, intertextos, intervalos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 12).

Martín-Barbero (2004) faz o uso da cartografia e suas características, ao pesquisar e desenhar mapas cognitivos, utilizando no entanto, outras metáforas. Por tais afinidades, a nossa proposta com esse artigo é de realizar uma exploração teórica acerca da cartografia, aproximando os estudos de Deleuze e Guattari (1995) aos de Martín-Barbero (2004). Salientamos que, em uma pesquisa de Estado da Arte, encontramos apenas um artigo semelhante a essa abordagem de pesquisa: "A teoria barberiana da comunicação" de Lopes (2018) que aqui será utilizado como referência.

Por compreendermos que as obras dos autores são vastas, optamos por fazer o seguinte recorte: as definições do rizoma e conceituação de cartografia, presente no livro Mil Platôs de Deleuze e Guattari (1995), em contraponto com as características do segundo mapa das mediações de Martín-Barbero (2015). Assim, com um olhar acerca desses estudos, pretendemos responder a seguinte indagação: Quais aproximações podemos fazer entre as definições rizomáticas de Deleuze e Guattari (1995) e o segundo mapa das mediações de Martín-Barbero (2015)?

Observando cada uma das obras e após, percebendo suas intersecções, acreditamos que essa investigação será oportuna tanto nos âmbitos teóricos e quanto metodológicos. Isto posto, já podemos antecipar que utilizaremos a pesquisa de método bibliográfico para a construção deste artigo. A seguir, nossas reflexões estão divididas em três tópicos: no primeiro apresentamos as definições do rizoma e da cartografia, utilizando a obra de Deleuze e Guattari (1995), além de autores complementares como Rosário (2016), Aguiar (2010), Kastrup (2007), e Coca e Rosário (2018); após, abordaremos Martín-Barbero (2015) e seu mapa das mediações, dando ênfase às questões referentes à cartografia, para isso também utilizaremos autores complementares como Lopes (2018); e, por último, antes das considerações finais, faremos a análise, tensionando e aproximando as diferentes perspectivas teóricas, identificando confluências e dissimilaridades.

DELEUZE E GUATTARI: AS DEFINIÇÕES RIZOMÁTICAS DO MÉTODO CARTOGRÁFICO

Quando nos propusemos a estudar o indivíduo e suas complexidades, dentro do sistema publicitário, que compreende tanto as implicações no ensino quanto às especificações do mercado publicitário, foi natural optar por um método que também estivesse alinhado a

essa complexidade. A perspectiva rizomática, de Deleuze e Guattari (1995), é um método sem procedimentos pré-definidos, que permite ao investigador viver a ciência como um percurso, ou seja,

[...] por ser o conceito de rizoma constituído a partir das coisas da natureza, das plantas e dos animais, suas formas diversas, e o modo como se conecta, servem ao nosso olhar multifacetado, em que cada movimento acaba por intervir nos demais. São as próximas pluralidades que exigem diferentes modos de olhar. (PETERMANN, 2017, p. 29)

O rizoma é a forma de mapear do método cartográfico, definido imagetivamente por Deleuze e Guattari (1995) como uma raiz fasciculada, ramificada, com múltiplas entradas e inúmeras saídas, constituído pelos princípios que citaremos a seguir. A cartografia e o rizoma se complementam, sendo o rizoma o eixo epistemológico principal para a construção cartográfica do objeto de estudo. Para salientar suas especificidades, aplicabilidades e importância, selecionamos esse trecho explicativo sobre o delinear rizomático

Ele não opera pelo jogo de oposição entre o uno e o múltiplo, não tem começo, fim ou centro, nem é formado oportunidades, mas por dimensões ou direções variáveis, além de constituir multiplicidades lineares ao mesmo tempo em que é constituído por múltiplas linhas que se cruzam nele, formando uma rede móvel, conectando pontos e posições. Deve-se ainda ter em conta o aspecto subterrâneo de uma formação rizomática, que leva a um problema de visibilidade imediata dessa complexa e intrincada teia de relações. O olhar rizomático traça uma cartografia, desenhando um mapa como diagrama variável. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. (LOPES, 2018, p.46)

Assim, a cartografia pode ser traduzida como um método estratégico-rizomático. Salientamos aqui características próprias do rizoma, tais como sua descentralidade, estando sempre configurado em uma dimensão entre conexões, permitindo movimentações para todos os lados. Segundo Petermann (2017, p. 32), já a cartografia vem para auxiliar numa busca mais organizada, “permitindo um mapeamento a partir de uma indeterminação inicial e aparente de nosso percurso: não conhecemos seu início e suas fronteiras e, tampouco, vislumbramos com clareza seus entremeios, suas intensidades, seus modos de ser e atuar.”

Aguiar (2010) fala sobre a cartografia como um método para investigar a processualidade, ou seja, investigando não apenas os objetos, mas os processos que os envolvem. A autora (2010, p. 03), inclusive, cita Martín-Barbero: “Me permito a pensar com Jesús Martín-Barbero, para o qual é necessário passar dos meios às mediações, ou ainda, refletir com sua frase sintomática, na qual é necessário perder objeto para ganhar o processo.”

Assim, segundo a autora, a cartografia propõe um debate metodológico que vai se formando a partir de conexões que o investigador encontra na vivência da pesquisa.

E, conforme as conexões vão formando pontos de intensidade, ali constituem-se os platôs - “chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.19), ou seja, pontos configurados por muitas entradas e múltiplas saídas, compreendidos então como zonas de intensidade contínuas, afetadas tanto por linhas de segmentaridade, quanto por linhas de fuga. As linhas de segmentaridade são conexões territorializadas entre intensidades, ou seja, atravessamentos que conectam um ponto ao outro e este a vários outros, reconhecidos e afirmados pelo mapa que se desenha: “atravessam tanto as sociedades, os grupos quanto os indivíduos [...] traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos [...] elas dirigem até mesmo processos irreversíveis.” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 145).

Já as linhas de fuga são as desterritorializações, a busca pelo novo. Fugir, para os autores, significa descobrir novos mundos, olhar com criatividade, ir rumo à inovação, ao que não é explícito, aquilo que se transforma ao longo da pesquisa, que muda de direção. Sendo assim, cartografar um rizoma em comunicação é uma escolha teórico-metodológica para analisar objetos que possuem multiplicidades e que estejam em constante movimento, processos e mutações, considerando diversos contextos (ROSÁRIO, 2016).

A cartografia em comunicação é um método possível para objetos mais dinâmicos e complexos, que se articulam, sem previsibilidades, sem horizontes de totalização. O objeto cartográfico é, bem como sugere o termo, geográfico, uma superfície aberta, com territórios, desterritorializações, linhas, conexões, linhas de fuga, pontos de intensidade e multiplicidades - mapas que podem ser descritivos, visuais, textuais, entre outros, pois a cartografia permite que cada pesquisa traga seu próprio formato de sistematização, o próprio jeito de contar sua história, de apresentar as complexidades e singularidades capturadas (ROSÁRIO, 2016).

Kastrup (2007), por exemplo, traz seu olhar para a cartografia a partir da percepção sobre a atenção do cartógrafo no processo da pesquisa. Assim, a autora divide em quatro momentos: o Rastrear, o Toque, o Pousar e o Reconhecimento Atento. São pistas que a autora elabora para definir o caminhar ao longo da investigação, utilizando o método cartográfico. Coca e Rosário (2018) reforçam que a cartografia está associada ao pensamento pós-estruturalista e é mais utilizada como um método de pesquisa nas áreas de Psicologia e

Educação. Mas que pode ser compreendida como procedimento metodológico, metodologia ou método, dependendo do seu uso, na comunicação.

É importante salientar que cartografar não significa literalmente desenhar um mapa, mas sim diagramas variados, que “se referem a lugares e movimentos marcados não por determinismos, mas por densidades, intensidades e expõem as linhas de força de um determinado espaço, que neste caso, é o campo da comunicação.” (LOPES, 2018, p.46). Assim, aos poucos, a sistematização do objeto de pesquisa vai ganhando seus tons, suas articulações, suas intensidades, tornando o cartografar a própria investigação.

A cartografia então é utilizada para análise do presente, compreendendo nosso tempo e o que somos. Lopes (2018, p.46) salienta que ela “não é método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa rígidos, mas sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias”. Ou seja, permite uma construção sem roteiros, sendo construída “a partir do olhar atento e das percepções e observações do pesquisador, que são únicas e particulares” (ROSÁRIO, 2016, p.183).

Porém, por mais que o método cartográfico não contenha a prescrição de procedimentos, permite um plano inicial de investigação, com indicativo de passos e técnicas, além de uma organização prévia do trilhar teórico-metodológico. O que diferencia e torna seu caráter aberto é que permite que a investigação continue sendo desenhada a partir de seus achados: “à medida que os tensionamentos vindos da postura crítica e da reflexão do investigador começam a aparecer, é preciso novos percursos de organização e sistematização” (ROSÁRIO, 2016, p.184).

Aliás, a **ruptura a-significante** é um dos princípios do rizoma, definido por Deleuze e Guattari (1995): são necessários alguns rompimentos de determinado espaço ou em determinado tempo, visto que contempla diversas articulações entre objetos, indivíduos e complexidades. Essa ruptura permite dar o foco para a investigação, de maneira a conseguir analisar e responder ao problema proposto pela pesquisa. Já outra característica cartográfica é a sua incompletude, pois o mapa na cartografia está em constante transformação e crescimento, visto que cada ponto de intensidade pode fazer e refazer inúmeras conexões.

Outros princípios da construção de um rizoma, de acordo com Deleuze e Guattari (1995), são os da **conexão, heterogeneidade e da multiplicidade**. Esses princípios são a base para a construção do rizoma, pois determinam que todo e qualquer ponto pode ser conectado, sendo possíveis heterogeneidades e multiplicidades, de maneira irregular, sem início, fim ou centralidade. Além disso, ainda entre os princípios do rizoma estão a

cartografia e a decalcomania, compreendendo que o mapa desenhado é uma fotografia do acontecimento, tendo em vista que ele não tem início nem fim e amplia-se para todos os lados.

Após a compreensão do estudo cartográfico, dos princípios e delineamentos do rizoma, partiremos agora para a observação da perspectiva de Martín-Barbero (2015), percebendo os usos cartográficos que esse autor faz em seu mapa das mediações.

MARTÍN-BARBERO: CARTOGRAFIA DAS MEDIAÇÕES SOCIAIS

Martín-Barbero (2004), também conhecido como o cartógrafo mestiço - título dado pela pesquisadora mexicana Rossana Reguillo - dedicou boa parte de suas obras para cartografar as mediações da comunicação, cultura e política, em específico na América Latina. A cartografia esteve ao seu lado como uma ferramenta epistemológica, mesmo que não sendo diretamente categorizada assim. Segundo Lopes (2018), Martín-Barbero se utilizou desse método para construir mapas cognitivos, tendo lançado três mapas das mediações ao longo de suas pesquisas, mostrando que esses mapas seguem em constante construção, sem começo, meio ou final.

O autor, semiólogo, antropólogo e filósofo, também busca uma aproximação de seus estudos com outros conhecimentos das ciências sociais e humanas, tais como a comunicação, voltando seu olhar principalmente aos atores sociais e suas relações, enfrentamentos, cruzamentos, agenciamentos e forças de poder dentro do espaço latino-americano (LOPES, 2018). Seu olhar sobre o indivíduo e suas subjetividades, além da sua dedicação pela compreensão da juventude, também justifica o uso das categorias cognitivas de seu mapa nas pesquisas que estamos desenvolvendo.

É importante salientar que o autor, aplicando o método cartográfico em suas investigações, só vem assumir essa nomenclatura posteriormente, quando em 2004 lança o livro “O Ofício do Cartógrafo” que traz uma reflexão sobre seus achados de 1970 a 1990, chamando-os de mapas cognitivos e expressando seu interesse pela cartografia. Ou seja, conforme Lopes (2018, p. 39) descreve, “mesmo sem nomeá-la, Jesús Martín-Barbero lança mão da estratégia de pesquisa cartográfica desde suas primeiras reflexões sobre a pesquisa de comunicação na América Latina”.

Sendo assim, entendemos que a cartografia é um método de pesquisa para Martín-Barbero utilizado na construção de seus mapas das mediações, sendo este que orienta a construção epistemológica de seu trilhar como investigador, de forma permanente, mesmo

que difuso (LOPES, 2018). Isto porque Martín-Barbero não é um metodólogo, ele não se propõe a explicar métodos e técnicas, e sim aplicá-los em reflexões e objetos empíricos, cartografando e delineando mapas.

Salientamos a extensão de sua obra e, por essa razão, daremos ênfase no segundo mapa das mediações, que surge ao final da década de 1990, e tem por objetivo o estudo da cultura a partir da comunicação (LOPES, 2018).

Figura 1. Segundo mapa das mediações - 1998



Fonte: Martín-Barbero, 2015, p. 16

Segundo Martín-Barbero (2015), este mapa surge a partir das implicações de um cenário político, cultural e comunicacional que indicam novas complexidades nas relações entre os indivíduos. Por isso, ele redesenha seu mapa anterior, trazendo as seguintes zonas de intensidade neste novo momento: Lógicas de produção, Formatos industriais, Competências de recepção e Matrizes culturais.

As conexões de cada um desses platôs são, na sequência citada: Tecnicidade, Ritualidade, Socialidade e Institucionalidade. Cabe ressaltar aqui que o autor seguiu suas pesquisas, reeditando esse mapa das mediações ainda uma terceira vez. Aliás, uma das características da cartografia é justamente essa: um mapa nunca acabado, em constante transformação. Para entendermos melhor como o autor traz essas zonas de intensidade, acreditamos ser necessário levantarmos uma breve explicação sobre cada uma delas. A interpretação de cada uma dessas categorias está baseada nas relações sobre o novo ator social

da publicidade, que guiam nossas pesquisas atuais, pois a construção de um perfil profissional também permeia as mediações entre cultura, comunicação e política.

Para compreendermos cada uma dessas quatro categorias, apresentaremos os apontamentos do autor sobre suas aplicabilidades no mapa das mediações. Começaremos pela Ritualidade. “A mediação das ritualidades remete-nos ao nexó simbólico que sustenta toda comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição.” (MARTÍN-BARBERO, p. 19, 2015). Entendemos a ritualidade então como hábitos que levam a repetições mas também como iniciativas que geram as inovações. São as cotidianidades, as experiências, a contemporaneidade urbana, “os diferentes usos sociais dos meios” (MARTÍN-BARBERO, p. 19, 2015).

Isso nos leva a interpretar, num contexto publicitário, a ritualidade como a mensagem, no fluxo dos saberes, nas regras e nos jogos da interpretação. Além disso, o autor também salienta que essa categoria abre para “a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios” (MARTÍN-BARBERO, p.19, 2015), nos conduzindo a esses ritmos do tempo e eixos do espaço que levam ao reencantamento do mundo e as gramáticas de ação, tais como olhar, ouvir e ler.

A institucionalidade, segundo o autor, “é uma mediação espessa de interesses e poderes contrapostos” (MARTÍN-BARBERO, p. 234, 2004) que regulam discursos, por parte do Estado e dos cidadãos (maiorias e minorias). Interpretaremos essa categoria então como interesses e poderes, uso da cidadania, valores em comunidade e direitos sociais. Num contexto publicitário, a institucionalidade é a prática, pois nela “a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados” (MARTÍN-BARBERO, p. 18, 2015).

Já a tecnicidade refere-se a “menos assunto de aparatos do que de operadores perceptivos e destrezas discursivas” (MARTÍN-BARBERO, p. 18, 2015), ou seja, ela é mais vista como modos de percepção, experiência e próxima às competências cognitivas digitais do que com tecnologias e instrumentos. Entendemos a tecnicidade como uma competência de linguagem, voltada às técnicas, como um novo estatuto da cultura, novos caminhos da estética e sentidos do discurso social. No contexto publicitário, a tecnicidade relaciona-se com a produção, principalmente no desenho das novas práticas aliadas a tecnologia, conforme salientado pelo autor (2004).

Por fim, a socialidade traz todos os aspectos dos atores sociais e suas relações dentro do meio, ou nas palavras de Martín-Barbero (p. 230, 2004), “dá nome à trama de relações

cotidianas que tecem os homens ao se juntar, e nas quais se ancoram os processos primários de interpelação e constituição dos sujeitos e identidades”. Em contextos publicitários atrelamos esta instância à recepção, afinal o próprio autor que relata a socialidade como uma questão de fins da comunicação, “da constituição do sentido e da construção e desconstrução da sociedade” (MARTÍN-BARBERO, p. 18, 2015).

Também relacionamos esta categoria com o poder, fortemente presente em relações sociais, que se intensificam a partir do *habitus* da profissão (práticas legitimadas no sistema publicitário, tanto nas produções das mensagens quanto nas relações, muitas vezes verticalizadas, entre profissionais). Cabe ressaltar ainda que “as transformações da socialidade remetem a movimentos [...] que se acham mais relacionados a mudanças profundas na sensibilidade e na subjetividade” (MARTÍN-BARBERO, p.18, 2015).

Todo esse processo cartográfico em Martín-Barbero, no qual chegamos às categorias trazidas aqui, veio desse movimento de estudar o indivíduo e suas relações como objeto empírico, articulando práticas e movimentos sociais (LOPES, 2018). O próprio autor salienta

O que busco com esse mapa é reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o pensamento único que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o ‘grande mediador’ entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador da mundialização (em seus muitos e contrapostos sentidos). [...] Refiro-me também às rupturas que, mobilizadas pelos jovens, ultrapassam o âmbito da geração: tudo o que a juventude condensa, em suas inquietações e fúrias como em suas empatias cognitivas e expressivas com a língua das tecnologias, de transformações no *sensorium* de ‘nossa’ época e de mutações político-culturais que anunciam o novo século. (MARTÍN-BARBERO, p.20, 2015)

O pensamento de Martín-Barbero e seu mapa das mediações foram fundamentais para nossa investigação cartográfica sobre os atores sociais e seus perfis profissionais, no contexto publicitário. A seguir, faremos as aproximações teórico-metodológicas entre os autores aqui abordados: iremos do rizoma de Deleuze e Guattari (1995) às mediações de Martín-Barbero (2015).

DELEUZE, GUATTARI E MARTÍN-BARBERO: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Após entendermos melhor sobre as definições de rizoma, trazidas por Deleuze e Guattari (1995), bem como a aplicação da cartografia na obra de Martín-Barbero (2015),

entendendo suas zonas de intensidade e seu caráter aberto, chegamos ao final da bifurcação, onde iremos unir esses dois caminhos em um só.

Conforme percebemos, Martín-Barbero (2004) não utiliza a metáfora do rizoma, mas sim a figura do arquipélago “que desprovido de fronteira que o una, é um continente que se desagrega em ilhas múltiplas e diversas que se interconectam” (LOPES, 2018, p. 40). Dessa forma, as ilhas do arquipélago também são múltiplas e conectáveis. O autor busca por essa metáfora justamente para contrapor o uso da cartografia na geografia, buscando expressar relações e entrelaçamentos a partir de labirintos, redes de comunicação, desterritorializações de discursos, caminhos de fuga e interconexões do diverso (LOPES, 2018). Cruzando seus apontamentos com as proposições sobre o rizoma de Deleuze e Guattari (1995) podemos perceber suas familiaridades.

Entendemos que, assim como os fundamentos de Deleuze e Guattari (1995) e de Martín-Barbero (2004), “as pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa” (Lopes, 2018, p.48), por essa razão inclusive, o mapa das mediações está em constante transformação, não tendo início nem fim, tal como o rizoma. Para buscar aproximação, analisaremos o mapa das mediações de Martín-Barbero (2015) trazido no segundo tópico a partir dos princípios do rizoma elencados por Deleuze e Guattari (1995) e que apresentamos no primeiro tópico deste artigo: **ruptura a-significante, conexão, heterogeneidade, multiplicidade, da cartografia e da decalcomania.**

O primeiro princípio citado, da ruptura a-significante pode ser percebido no mapa de Martín-Barbero a partir do desenho do mapa, que contempla um fluxo específico do foco da investigação, não limitando sua conexão com outras zonas de intensidade que estão para além dessa ruptura. O que nos leva ao princípio da conexão, onde qualquer ponto pode e deve ser conectado com outras linhas. Percebemos isso ao ver que todos os pontos se conectam com pelo menos outros três.

Entendendo então a heterogeneidade e multiplicidade, que faz com que o rizoma seja construído de maneira irregular, a partir de diversas naturezas e conexões, vimos que o mapa de Martín-Barbero é, de certa forma, organizado, apresentando até uma certa centralidade. No entanto, percebemos que a natureza das zonas de intensidade interligadas são múltiplas, fazendo uma interseção entre recepção e produção, cultura e indústria, comunicação e política, gerando uma heterogeneidade entre os platôs do mapa apresentado.

Apesar de Martín-Barbero apresentar três mapas diferentes, percebemos que esse movimento está relacionado ao princípio do decalque - ou seja, em representações do mesmo mapa a partir das transformações que ocorreram ao longo do caminho, “um mapa não substitui o anterior, mas se apropria, o reinterpreta e o acrescenta, em um processo que exige um pensamento de maior complexidade” (LOPES, 2018, p. 61).

Vale destacar também que o mapa apresenta apenas linhas de segmentaridade, não fazendo o uso das linhas de fuga. Esse fato pode se dar por escolha do autor em não mapear ou não encontrar linhas de fuga neste mapa, ou então podemos interpretar que a construção de novos mapas são formas que o autor encontrou para dar conta das linhas de fugas encontradas. Porém, por não encontrarmos visualmente essa diferença entre as linhas, acreditamos ser um pequeno distanciamento entre o rizoma de Deleuze e Guattari (1995) e o arquipélago de Martín-Barbero (2004).

Ao adentrarmos em cada uma das categorias de Martín-Barbero (2015) percebemos também algumas características provenientes do método cartográfico: a heterogeneidade dos nós e vínculos, de acordo com suas naturezas; o agenciamento dos significados e interpretações; a não hierarquização de mediações; as territorializações e, apesar de não apresentar linhas de fuga, também há a presença das desterritorializações, quando indica que a ritualidade também caminha para o novo. Além disso, a abertura das categorias a interpretações dentro do contexto comunicacional e publicitário desta pesquisa mostra o caráter adaptativo transformativo da cartografia.

Apesar da tentativa de aproximarmos os princípios do rizoma no mapa das mediações, devemos salientar que a cartografia é um método sem regras, aberto, que permite a construção de mapas a partir do caminhar da investigação. Ou seja, mesmo que haja ou não a identificação dos princípios no mapa, o método aplicado pelo autor pode ser percebido como uma cartografia, pois apresenta um mapeamento das mediações no contexto de sua pesquisa. Conforme afirma Lopes (2018, p. 45), no artigo que encontramos na pesquisa de Estado da Arte, “identificamos esses princípios da cartografia na obra de Jesús Martín-Barbero, que é conhecida por realizar deslocamentos de conceitos e autores de seus lugares tradicionais e rupturas com aportes reducionistas ou maniqueístas”. A autora salienta a multiplicidade, heterogeneidade e conexão (princípios cartográficos) na obra de Martín-Barbero por meio da sua interdisciplinariedade entre campos do conhecimento e autores, com ênfase em uma análise de objetos contemporâneos, como os atores sociais e a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este movimento de aproximação entre autores e teorias é um exercício de análise válido para o tensionamento do método com objetos empíricos, compreendendo seus desdobramentos teórico-metodológicos. Assim optamos por esmiuçar as definições do método rizomático da teoria de Deleuze e Guattari (1995), em um primeiro momento, para após olhar para outro caminho, percebendo na obra de Martín-Barbero (2015) as relações com seu mapa das mediações. Entendendo as teorias e aplicações dos autores, chegamos no terceiro tópico, onde pudemos aproximar e unir, mas também refletir, analisar e até perceber possíveis pontos de distanciamento entre os mesmos.

Entendemos que Martín-Barbero (2015) traz um olhar rizomático em seu mapa, quando consideramos os princípios defendidos por Deleuze e Guattari (1995). Entendemos que o autor não traz visualmente as diferenciações entre linhas de segmentaridade e linhas de fuga, utilizando apenas o primeiro tipo de linha, apesar de interpretar significados de inovação em suas zonas de intensidade. Mas compreendemos que o autor fez uso da construção de novos mapas, com a característica de nunca estar acabado, para dar conta das inovações (linhas de fuga) com as quais se deparou ao longo dos anos.

Apesar de metáforas diferentes, Deleuze e Guattari (1995) com a árvore fasciculada e o rizoma, e Martín-Barbero (2004) com o arquipélago, ilhas e continentes, os autores apresentam encontros cartográficos: fluxos, movimentos, método aberto, sem hierarquia, em constante transformação, para objetos mais dinâmicos e complexos, que se articulam, sem previsibilidades, sem horizontes de totalização.

Martín-Barbero (2004) opera seu mapa das mediações com o uso cartográfico por objetivar mapear objetos complexos, como as relações entre indivíduos, sociedade e poder na América Latina. Além disso, destacamos o caráter agenciador e aberto da interpretação de seus platôs, favorecendo sua aplicação na contemporaneidade de objetos complexos e dinâmicos, assim como sua adaptação aos contextos publicitários.

Retomando a pergunta que guiou este artigo: Como se dão as aplicações do método cartográfico de Deleuze e Guattari (1995) no segundo mapa das mediações de Martín-Barbero (2015)? Entendemos que os princípios rizomáticos definidos por Deleuze e Guattari (1995) podem ser analisados no mapa das mediações de Martín-Barbero. Além disso, encontramos marcas de movimentos de territorialização e desterritorialização, como por exemplo, ao citar que: “as perguntas geradas pela tecnicidade indicam então o novo estatuto social da técnica, o

restabelecimento do sentido do discurso e da práxis política, o novo estatuto da cultura e os avatares da estética” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 19).

Assim, findamos a aproximação dos autores entendendo que Martín-Barbero (2015) segue linhas metodológicas que se aproximam às de Deleuze e Guattari (1995). O autor faz o uso do método cartográfico em sua obra, levando em consideração o desenho de um mapa mutável sobre objeto de análise complexo, dinâmico e contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico**: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais [...] Caxias do Sul: Intercom, 2010

COCA, A. P.; ROSÁRIO, N. M. (2018). A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Comunicação & Inovação*, PPGCOM/USCS, v.19, n. 41, pp. 34-48), set-dez, 2018.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs (vol. I)**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicol. Soc.* vol.19 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2007

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2015.

PETERMANN, Juliana. **Cartografia da criação publicitária**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2017.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, C.P. e LOPES, M.I.V. **Pesquisa em Comunicação**: Metodologias e práticas acadêmicas. EdIPUCRS: Porto Alegre, 2016.

LOPES, Maria Immacolatta Vassalo. A teoria barberiana da comunicação. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan./abr. 2018.

Original recebido em: 9 de novembro de 2020
Aceito para publicação em: 10 de março de 2022

Ariadni Loose

Doutoranda em Comunicação, na Universidade Federal de Santa Maria (RS). Bolsista CAPES.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8414328754748784> ORCID nº 0000-0003-4414-8683. E-mail: adiloose@gmail.com Graduada em Publicidade e Propaganda (UFN), Pós-graduada MBA em Marketing (UFN) e Mestre em Comunicação Midiática (UFSM). É integrante do grupo de pesquisa



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Nós Pesquisa Criativa (UFSM) e do Projeto de Ensino “50/50: abrindo portas para a equidade de gênero na comunicação”. É co-orientadora do Projeto de Extensão "4C - Observatório e Laboratório de Marcas da Quarta Colônia", da UFSM.

Juliana Petermann

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9049669566284488> ORCID nº 0000-0003-1739-3843. E-mail: petermann@ufsm.br Publicitária. Docente associada no Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma universidade. Coordena o grupo Nós – Pesquisa Criativa (www.nospesquisacriativa.com), o Projeto de Ensino “50/50: abrindo portas para a equidade de gênero na comunicação” e o Projeto de Extensão "4C - Observatório e Laboratório de Marcas da Quarta Colônia".



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

